

Manuel Bandeira e Ribeiro Couto: conversa da vida inteira*

José Almino de Alencar

QUANDO FORAM PUBLICADAS AS *POESIAS REUNIDAS* DE RIBEIRO COUTO, em 1960, Manuel Bandeira escreveu no *Jornal do Brasil* (2/11/1960):

Sua poesia continuou sempre sendo a anotação arguta dos momentos raros da vida, aqueles momentos de “indecisão delicada”. Momentos de subúrbio, digamos assim, quando do luar descem coisas – “certas coisas”. Nunca lhe interessaram as polêmicas sobre o que seja poesia. “É poesia? Não é poesia? Quem saberá jamais?” Todos os problemas estavam resolvidos para ele “pela aceitação da simplicidade”.

Dir-se-ia um auto-retrato, um comentário sobre a sua própria poesia. E esse traço de identificação acompanhou uma amizade de toda uma vida, iniciada em 1919, quando Ribeiro Couto lera o poema “Cartas de meu avô” e fora, por causa da admiração suscitada, apresentado ao autor. Pouco depois, um Couto “expansivo” e “novidadeiro” viria a apresentar um Bandeira, tímido e recluso, à rapaziada modernista:

Foi por intermédio dele que tomei contato com a nova geração literária do Rio e de São Paulo, aqui com Ronald de Carvalho, Álvaro Moreira, Di Cavalcanti, em São Paulo com os dois Andrades, Mário e Oswald [...] Eu já estava bem preparado para receber de boa cara os desvairismos de Mário, porque Ribeiro Couto, grande farejador de novidades na literatura da Itália, da Espanha e da Hispano-América [...] me emprestava os seus livros (*Itinerário de Pasárgada*).

* Publicado no *Jornal do Brasil*/Idéias, Rio de Janeiro: 31.05.2003.

Durante os anos 20 do século passado, no auge do movimento modernista, Ribeiro Couto viveu a maior parte do tempo em várias cidades do interior de Minas e São Paulo, onde exerceu os cargos de delegado de polícia e promotor público. A distância motivou uma vasta correspondência entre os poetas, que se encontra na Fundação Casa de Rui Barbosa. Foi reunida por mim, em volume ainda inédito, cujo título – *Pouso Alto*, o nome de uma dessas cidades – é glosado por Bandeira em uma das cartas [25/9/1925]: “Couto: Pouso Alto é um nome estupendo. Parece nome de vinho de águia. Pouso Alto. Absolutamente sereno. É um programa”.

A correspondência endereçada a Couto foi melhor preservada: são 170 cartas de Bandeira e somente 18 cartas de Couto, entre 1919 e abril de 1929. Durante esse período, inicia-se e consolida-se a carreira literária de Ribeiro Couto e foram escritos ou publicados os dois volumes mais expressivos da poesia de Manuel Bandeira: *Poesias* (“A cinza das horas”, “Carnaval” e “Ritmo dissoluto”), em 1924 e *Libertinagem*, com poemas de 1924 a 1930, publicado em 1930. Mais tarde, por ocasião das homenagens aos cinquenta anos do amigo [1936], Couto escreveria:

Fui o primeiro leitor de quase todos os poemas escritos depois do *Carnaval* [1919]. Antes quando residíamos na mesma cidade, depois à distância (que a correspondência constante e as alegres visitas anulavam), durante dez anos, pelo menos, não se passou semana sem que trocássemos essas impressões risonhas ou tristes, sempre leais e completas que o coração se purifica.

As cartas entre os modernistas convivem em simbiose com o processo de criação literária. Nesse período, anterior à telefonia interurbana, quando a vida intelectual, antes concentrada quase que exclusivamente na Corte, começava a tomar formas significativas em outros centros urbanos, os modernos vão construir uma vasta teia de correspondência, através da qual circulam os manuscritos, opiniões estéticas, sugestões bibliográficas, conspirações para a publicidade de livros e personagens, intrigas, suspiros e queixas. Nesse mar de cartas, as que trocaram Bandeira e Couto tomam uma importância tão expressiva, quanto a correspondência entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira, pelo menos, aos olhos deste último: “Só sei admirar de

todo coração. E eu chamo admirar de todo coração, poder gostar e falar franco, como faço com Ribeiro Couto e com você”, escrevia Bandeira a Mário, em 11 de maio de 1925.

Em várias partes do conjunto de cartas paira a sombra da correspondência entre Mário de Andrade e Bandeira. Uma provocação lançada por Mário a Bandeira era respondida diretamente a Ribeiro Couto, como se os três mantivessem uma discussão simultânea.

Não concordo com o Mário no preconceito de novidade: posso encontrar poesia em lugar-comum sentimental. Daí gostar de coisas suas que ele acha sem importância. Posso eu achar também sem importância e no entanto gostar. Você é justamente um desses poetas que chateiam os outros com coisas sem importância. Creio que você entende bem o sentido em que emprego a expressão "coisa sem importância". Digo isso porque o Mário faz diferença entre coisa sem importância com interesse artístico e coisa sem importância mesmo. Pois pode me suceder que eu goste e me comova com a "coisa sem importância mesmo.

Essas cartas são uma festa para os olhos do *voyeur* literário. Por vezes, nesses relatos da vida miúda dos dois amigos, dos seus empregos, das suas dificuldades, não há como evitar de perceber o trabalho de dois escritores que se mostram um para o outro, numa escritura entre entendidos, cada um sublinhando a seu modo, o estilo familiar, desabusado, introduzindo a nota irônica, o traço rápido na descrição das cenas. De tal maneira que, às vezes, o enunciado do poema (no caso abaixo, inédito) chega como uma continuação natural da carta, como nesta enviada por Bandeira em 10 de janeiro de 1928:

Esta manhã ele [Gilberto Freyre] me contou um episódio onde eu descobri incontinenti o *self-made poem*. Lá vai:

Apresentação

Na sala da redação do grande matutino
O redator-secretário fez a apresentação:
“Fulano, uma glória nacional:
Sicrano, esperança do norte.”

A esperança do norte não disse nada.

A glória nacional também.

Em 1929 Ribeiro Couto ingressou na carreira diplomática e viveu sobretudo na Europa. Morreu a 30 de maio de 1963, em Paris. Os dois amigos se escreverão até o fim: conversa da vida inteira.